
O Desafio Político e Epistêmico de “Despaulistizar-se”: Entrevista com Gilberto Felisberto Vasconcellos

*The Political and Epistemic Challenge of “Despaulistizar-se”:
An Interview with Gilberto Felisberto Vasconcellos*

*El desafío político y epistémico de “despaulistizarse”:
Entrevista con Gilberto Felisberto Vasconcellos*

Dayvison Wilson Bento da Silva¹

Resumo

A entrevista com Gilberto Felisberto Vasconcellos propõe uma reflexão sobre sua trajetória intelectual e a originalidade de sua obra no campo da sociologia brasileira. Formado pela USP, mas em nítido desacordo com os rumos da sociologia paulista e seu projeto político-econômico, o autor desenvolve uma crítica radical à dependência cultural e ao subdesenvolvimento, a partir de uma perspectiva marxista e nacionalista da cultura – em contraste com o modo pelo qual caracteriza a sociologia da cultura predominante no país. O fio condutor da entrevista é o processo de “despaulistizar-se”, entendido como uma ruptura intelectual e política que marca sua saída de São Paulo e consolida um pensamento autônomo, voltado à crítica à indústria cultural, ao imperialismo – tanto o internacional quanto o regional – e o compromisso com um projeto socialista de país. Influenciado por figuras como Glauber Rocha e Bautista Vidal, Vasconcellos logra articular sociologia, política, arte e cultura em uma expressividade imagética própria, que recusa acomodações acadêmicas e reafirma a urgência de uma crítica intelectual enraizada na realidade latino-americana.

Palavras-chave: Gilberto Felisberto Vasconcellos, Universidade de São Paulo, marxismo, sociologia da cultura, nacionalismo.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestre em Sociologia e doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Atua nas áreas de sociologia da cultura e sociologia dos intelectuais. É membro do Núcleo de Pesquisas do CNPq “Capitalismo, Colapso e Utopia” e desenvolve pesquisas sobre a relação entre os campos científico e político-econômico, com enfoque nas agências de fomento à pesquisa e no impacto da ditadura civil-militar e da Guerra Fria no desenvolvimento das ciências sociais brasileiras. E-mail: dayvison.silva@usp.br

Abstract

The interview with Gilberto Felisberto Vasconcellos offers a reflection on his intellectual trajectory and the originality of his work within Brazilian sociology. Trained at the University of São Paulo but in clear disagreement with the directions taken by São Paulo sociology and its political-economic project, Vasconcellos develops a radical critique of cultural dependence and underdevelopment from a Marxist and nationalist perspective on culture—set in contrast to what he identifies as the dominant approaches within the country’s sociology of culture. The central thread of the interview is the process of “de-Paulistizing” himself, understood as an intellectual and political rupture that marks his departure from São Paulo and consolidates an autonomous mode of thought directed toward the critique of the culture industry, imperialism—both international and regional—and a commitment to a socialist project for the nation. Influenced by figures such as Glauber Rocha and Bautista Vidal, Vasconcellos succeeds in articulating sociology, politics, art, and culture through a distinctive imagistic expressiveness that rejects academic accommodation and reaffirms the urgency of an intellectual critique rooted in the Latin American reality.

Keywords: *Gilberto Felisberto Vasconcellos, University of São Paulo, marxism, sociology of culture, nationalism.*

Resumen

La entrevista con Gilberto Felisberto Vasconcellos propone una reflexión sobre su trayectoria intelectual y la originalidad de su obra en el campo de la sociología brasileña. Formado en la USP, pero en claro desacuerdo con los rumbos de la sociología paulista y su proyecto político-económico, el autor desarrolla una crítica radical a la dependencia cultural y al subdesarrollo desde una perspectiva marxista y nacionalista de la cultura, en contraste con la forma en que caracteriza a la sociología de la cultura predominante en el país. El hilo conductor de la entrevista es el proceso de “despaulistizarse”, entendido como una ruptura intelectual y política que marca su salida de São Paulo y consolida un pensamiento autónomo, orientado a la crítica de la industria cultural, del imperialismo —tanto internacional como regional— y al compromiso con un proyecto socialista de nación. Influenciado por figuras como Glauber Rocha y Bautista Vidal, Vasconcellos logra articular sociología, política, arte y cultura en una expresividad imagética propia, que rechaza acomodos académicos y reafirma la urgencia de una crítica intelectual enraizada en la realidad latinoamericana.

Palabras clave: *Gilberto Felisberto Vasconcellos, Universidad de São Paulo, marxismo, sociología de la cultura, nacionalismo.*

Introdução

A presente entrevista inaugura uma série especial de conversas com intelectuais promovida pela revista *Teoria e Cultura*, sob a direção executiva do Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes. A proposta central dessa iniciativa é instituir um espaço plural, aberto e rigorosamente comprometido com a escuta qualificada, no qual pesquisadoras e pesquisadores provenientes de distintas áreas do conhecimento, horizontes políticos e inserções regionais possam expor, com liberdade e densidade, suas trajetórias, inflexões teóricas, percursos intelectuais e interpretações acerca do mundo social contemporâneo. *Ressalte-se que tanto a revista quanto o entrevistador não se responsabilizam pelas posições defendidas pelos convidados, que permanecem inteiramente proprietários de suas formulações e julgamentos.* Para inaugurar essa empreitada, entrevistamos o eminente sociólogo Gilberto Felisberto Vasconcellos, cuja obra singular e intervintiva oferece uma entrada privilegiada para o debate crítico sobre a formação social brasileira e seus impasses atuais.

Gilberto Felisberto Vasconcellos é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), em 1972, onde também concluiu o doutorado em Sociologia em 1977, com a tese *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. Professor aposentado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), construiu sua trajetória intelectual pautado em uma crítica intransigente ao subdesenvolvimento e à dependência cultural. Sua escrita reflete um engajamento intelectual radical que jamais descurou da forma, comprometido com a soberania nacional e contrário às amarras ideológicas impostas pelo imperialismo.

Sua produção destaca-se pela confluência entre sociologia, política e cultura, sob uma perspectiva nacionalista-trabalhista na compreensão da realidade latino-americana. Em constante diálogo com o pensamento de Darcy Ribeiro, Glauber Rocha, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Bautista Vidal e Ludovico Silva, o sociólogo elaborou uma crítica original às estruturas históricas que mantêm o Brasil na periferia do capitalismo.

Autor de uma obra extensa e provocadora, publicou diversos livros fundamentais, como *Música Popular: De Olho na Fresta* (1977), *O Xará de Apipucos: Ensaio sobre Gilberto Freyre* (1987), *Collor: a cocaína dos pobres – a nova cara da direita* (1989), *O Príncipe da Moeda* (1997), *O Cabaré das Crianças* (1998), *Gunder Frank: o enguiço das Ciências Sociais* (2014) e *Darcy Ribeiro: a razão iracunda* (2015).

A entrevista a seguir foi concedida ao pesquisador Dayvson Wilson Bento da Silva, na sala do autor, no Departamento de Ciências Sociais da UFJF, em Juiz de Fora, na tarde de 24 de setembro de 2025.

Entrevista

Entrevistador: Gostaria que você começasse contando um pouco sobre sua trajetória familiar e escolar. De que forma essas experiências influenciaram sua escolha pela sociologia?

O notável na minha ambiência familiar é que não havia livros na minha casa. Meu pai era um médico prático, não era daqueles médicos que compravam livros ou que estudassem e frequentassem simpósios. Meu pai era um médico de aldeia no interior de São Paulo, e minha mãe tampouco era uma ledora. Ia de táxi com minha mãe à estação para ver o trem passar enquanto eu comia banana com canela. No começo era o rango de Luís da Câmara Cascudo. Papagaio não comeu? Morreu. Ela era professora primária, aliás, me alfabetizou num grupo escolar municipal lá de Santa Adélia. Fui alfabetizado pela minha mãe, o grupo

escolar, a escuta. A letra entrou por uma via dócil, por uma via suave. A letra entrou como uma coisa não traumática. Não tive nenhum problema com a minha alfabetização. Nunca tive ódio à letra, ao contrário. Mas também nunca fui um CDF careta.

Eu me lembro que fui mandado para um colégio interno em São Carlos, um colégio diocesano, porque não conseguia fazer a admissão. Tomava pau, sei lá, ou não tomava, não me lembro mais. Isso não dói porque não permaneceu na memória. Eu nunca quis ser escritor e tenho dificuldade de conviver com gente que não sabe nome de cipó. Só sei que dava muito trabalho pro meu pai e pra minha mãe, ali na puberdade. Então resolveram me mandar para esse colégio em São Carlos, que era um colégio de gente com dinheiro. Fiquei lá um ano e fui expulso. Fui expulso porque não tolerei aquele ambiente de picaretagem eclesiástica. Dos padres inclusive aliciando os alunos. Rolava certa pedofilia eclesiástica. O ensino era muito dogmático, muito decoreba, como dizia o Darcy Ribeiro. Diferente de João Guimarães Rosa, eu não sei rezar nenhuma reza.

Fui expulso por quê? Porque eu cantei, num exame de final de ano, uma música que era assim: “De noite me beija a boca, de noite me lava a roupa e assim nós vamos vivendo de amor... Por acaso você chegasse, no meu *chateau* encontrasse aquela mulher que você gostou, será que teria coragem de trocar a nossa amizade por ela que já te abandonou? Eu falo porque essa dona já mora no meu barraco à beira de um regato e de um bosque em flor”. Aí cantei isso pro padre e o padre ficou irado. Entendi depois Eça de Queiroz e a burocacia católica.

Foi um protesto. Foi aí que nasceu a música de protesto pra mim. Mas o fato é que eu cantei “Se acaso você chegasse” e o padre, o padre – caralha (sic), até me lembro o nome dele –, Paulino, me expulsou. Isso é um dado interessante que vai explicar meu anticlericalismo. Ele me colocava num banheiro frio junto com os outros meninos para ler poesia. Eu tinha que decorar poesia como castigo. A poesia era para ser lida como castigo. Crime e Castigo. Então você vê o que é o mundo jesuítico: vigiar e punir com o chicote da poesia. Isso aí foi uma coisa traumática para mim. Nunca mais consegui suportar essa ladainha de padre. Fui do PDT, não do PT.

Outro dado interessante é que eu não conseguia me ajoelhar na missa. Meu joelho doía. Era que nem levar chute na canela jogando futebol. Eu não suportava a ideia de estar em comunhão com entes sobrenaturais ajoelhado. Era uma coisa que me deixava extremamente mal das pernas. E por isso, nunca tive formação religiosa. Minha mãe e meu pai também não me obrigaram a fazer nada. Entendeu? Então, tive uma formação ímpia, completamente, embora morasse na frente da igreja. Só depois em São Paulo entrei na igreja para escutar o barulho da buzina do Roberto Dantas.

Esse é um dado interessante numa sociedade onde os intelectuais não são ateus. O Niemeyer falava que não acreditava que o Darcy Ribeiro fosse ateu, porque nenhum mineiro intelectual é ateu. Ele dizia que não conhecia nenhum. É que ele não conhecia o Silva Melo – esse sim, esse foi um ateu, 100% ateu, e nunca abandonou, nunca apelou a Deus na hora da morte. Achava que a Bíblia era um equívoco, e o pecado, um horror.

Eu mandava cartas para minha mãe, que ela lamentavelmente não guardou, contando o meu colégio Ateneu, o meu estado de rebeldia e de mal-estar no colégio. Foi aí que comecei a escrever. A minha escrita nasceu para a minha mãe. Para ela me tirar do colégio. Eu tentava persuadi-la de que ela devia me tirar de lá, então mandava cartas. E essas cartas eram abertas pelo padre. Igual na Alemanha nazista, como dizia o Adorno. Depois ela falou: “É uma pena que eu não tenha guardado essas cartas. Um manhoso nas cartas.”

O único aspecto positivo do colégio era a piscina. Uma piscina de 50 metros, olímpica, maravilhosa, o nado foi muito subjetivo e esquecia da repressão padreca. Adorava.

Lamentavelmente São Carlos era frio. E a piscina não era aquecida, de modo que eu nadei menos do que gostaria. Para mim a piscina foi o meu altar que nem no candomblé.

E outra coisa interessante, que me faz lembrar o Orson Welles: a melhor coisa do mundo é não pensar em dinheiro. “Se eu não tivesse tido dinheiro eu teria sido um grande homem” – Orson Welles falou isso. E eu não peguei em dinheiro na minha infância. Então eu me sinto mais privilegiado do que o Elon Musk. Eu fui mais rico do que o Elon Musk. Assemelho-me a Oscar Wilde: não peguei em dinheiro, não tinha necessidade de pegar no dinheiro. Como meu pai era médico e tinha prestígio popular, eu entrava em qualquer bar, pedia bala, pedia sorvete, e ninguém me cobrava. E também não sei como essa conta era paga pelo meu pai. Nunca comentei nada com ele sobre isso. Só sei que o dinheiro, o valor de troca, não fazia parte da minha existência. O intercâmbio não fazia parte da minha infância. Santa Adélia desmonetizada foi minha *Rosebud* com guaraná e pamonha. Minha mãe, dona Adelaide Felisberto, minha primeira professora, falava que nem Monteiro Lobato. Lamentável não ter conhecido pessoalmente Maria Isaura e Dornelas Teixeira com o seu cigarro de palha, mas eu conheci o japa brasileiro Sedi [Hirano, professor de sociologia da Usp].

Então, não sei por que eu virei comunista. Eu tinha uma sensibilidade muito grande pra gente pobre que ia se consultar com meu pai. E o consultório não tinha secretária. Era a varanda e o consultório. Eu saía, pegava a bicicleta, ia brincar e tal. A hora que eu via que era gente pobre, eu chegava e ia chamar meu pai: “Pai, ó, tem gente aí.” Quando era alguém mais rico ou bem vestido, eu não chamava. Veja só: essa distinção que eu fazia pela indumentária. A minha sensibilidade, a divisão de classes nasceu ali da percepção do consultório médico. Não foi em outro lugar. Foi no consultório médico. E acho que foi aí que virei comunista, numa cidade onde não havia grandes desigualdades sociais.

Outra característica a Monteiro Lobato: ninguém padecia de verme na cidade. A água era limpa. Eu sou determinado pela água mais que Heráclito ou Thales de Mileto. A cadeia tinha portas abertas. Jogava-se truco lá dentro. O preso chamava: “Pô, vem cá fazer uma parceria aqui!” De modo que nunca tive uma visão pejorativa da roça ou do interior. Nenhuma. Absolutamente nenhuma.

Então foi isso. A percepção da desigualdade social nasceu no consultório do meu pai. Ali, na sala de espera. Eu me lembro disso também porque o filé mignon vinha trazido pelo açougueiro, com o sangue fresco escorrendo. Não se comprava nada em feira. Tudo era levado em casa. Era uma espécie de mundo feudal. Não havia supermercado. Na cadeia municipal não havia detentos como queria um dos manifestos de Oswald de Andrade.

Entrevistador: Sua mudança de Santa Adélia para São Paulo ocorreu exclusivamente para cursar Ciências Sociais na USP, ou você já havia migrado anteriormente para a capital?

Eu tive que sair de Santa Adélia porque Santa Adélia não tinha científico nem clássico. Eu fui estudar em [São José do] Rio Preto, fazer o clássico. E em Rio Preto, a mercadoria deprimente. Eu saí do paraíso de *Rosebud*, como dizia Orson Welles, para entrar no inferno de Rio Preto, que era uma cidade onde a moeda, o valor de troca, era permanente. Era uma cidade de comércio. E que ninguém dava importância ao estudo no colegial. Cidade bolsonarista.

Eu senti na pele quão obscura é a indústria do entretenimento. Por um azar objetivo, eu fui colega do Amaury Júnior, cronista social – você imagina. Amaury Júnior, cujo pai era professor... um péssimo professor, aliás. A única coisa boa em Rio Preto era o chope. E eu

comecei a beber chope com 15 anos e tal. Havia uma Faculdade de Filosofia completamente inexpressiva.

Era uma cidade de muito calor. Eu morava numa pensão com gente que só falava de comércio. Enfim, o capitalismo era Rio Preto, o feudalismo era Santa Adélia. Falei pro meu pai: “Ó, essa cidade não é pra mim. Eu não quero ser comerciante, eu não quero mexer com dinheiro.” E meu pai, que era uma figura generosa, falou: “Tudo bem. Escolhe onde é que você quer ir.”

Aí eu fui pra Araraquara, que foi a minha felicidade. Cheguei em Araraquara e foi uma maravilha. Morei numa república com os moleques também de Santa Adélia, vários amigos. Zé Mário Ábido, cujo pai era amigo do meu pai. Tinha o Toito Mazaroni e o Júnior. Morávamos numa república melhor que a do Platão, uma liberdade total.

Em Araraquara eu comecei a ler Rimbaud. Comecei a ler desbragadamente, porque tinha uma boa biblioteca no colégio. E também uma grande Faculdade de Filosofia, onde o Jean-Paul Sartre, quando esteve no Brasil deu uma conferência. Era a terra do José Celso Martinez, a terra onde o Mário de Andrade escreveu *Macunaíma*. E tinha uma cerveja maravilhosa também. Livros. Conversa. Birita. Andar ao vento e às vozes: nunca fui assaltado.

Eu tive uma existência livre. Saí do Ateneu claustrofóbico de Rio Preto e entrei numa ágora grega adolescente, em que havia amigos, paquera de adolescente. Não era uma cidade asfixiante, ao contrário. Fui muito bem recebido pela população local, pelos meus amigos. De modo que Araraquara foi um desbunde. Uma cidade legal, morada do sol... talvez venha daí meu interesse pelo sol, a moradia do sol, a morada do sol.

Aí – não sei por quê, não me lembro agora – eu resolvi ir para Santos. Ah, resolvi ir para Santos, por quê? Porque o meu pai ia mudar-se de Santa Adélia para Santos. Ele ficou tuberculoso, estava na hora de parar, e aí minha mãe e ele cogitaram morar em Santos. Meu pai gostava de Santos, meu pai era baiano, de Salvador e tal. Nessa eu falei: “Pô, então eu vou fazer uma antecipação e vou morar em Santos.”

Foi um desastre. Santos foi um horror. Igual a Rio Preto – o mesmo predomínio da moeda em todos os lugares. Fiquei um mês ou dois e saltei fora. Voltei para Araraquara e fiquei lá até o vestibular na USP, quando fui morar com meu irmão Gilson Felisberto, que já estava em São Paulo. Aí fiz o vestibular e passei. De modo que eu fui para a USP para estudar.

Entrevistador: Essas leituras que você fazia tiveram influência na sua decisão de cursar Ciências Sociais? Foi nesse período que você teve o primeiro contato com a obra de Gilberto Freyre?

Foi aí que eu li *Casa-Grande & Senzala*. Não... eu li esse livro em Santa Adélia, por incrível que pareça. Nas férias. Porque no colégio, não sei se na minha casa ou no grupo onde minha mãe dava aula, tinha uma coleção em capa dura: Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre, Euclides da Cunha. Os clássicos. Não tinha mais nada. Não tinha quase nenhum livro.

E aí eu me encantei com Gilberto Freyre. Foi o romance da minha adolescência. Mal podia imaginar que iria encontrar com Gilberto Freyre e, décadas depois, fazer um livro sobre ele. E até nunca falei para ele sobre essa iniciação romanesca que eu tive com o *Casa-Grande & Senzala*. Foi extraordinário. Lógico que não entendi 80%. Mas o embalo formal me comoveu.

Entrevistador: Sua escolha pela sociologia se deve muito a isso, certo?

Muito, muito. Foi em 66, na ditadura, falava-se muito da USP e tal, dos professores rebeldes contra a ditadura. Eu não sei se isso me influenciou, mas, na verdade, o que me influenciou a fazer ciências sociais foi Gilberto Freyre.

Inclusive, eu tive depois uma decepção, porque percebi que os sociólogos escreviam muito mal. E Gilberto Freyre escrevia muito bem. E eu percebi também um critério que existia entre os estudantes e os professores: que a boa sociologia teria que ser mal escrita. Você não podia fazer uma boa sociologia com bom estilo, com uma boa maneira de escrever. Ao contrário do Gilberto Freyre, onde a forma expressa o conteúdo dito.

Eu tive uma existência normal na USP. Demorei quatro, cinco anos. Fiquei mais um ano porque comecei a ler o Freud numa coleção espanhola que o próprio Freud reviu a tradução.

Fui para a USP para estudar. Fui para São Paulo com o objetivo de estudar. Meu pai, nessa hora, já estava morando com a minha mãe em Santos, e meu irmão estava em São Paulo. De modo que eu tive uma juventude em São Paulo muito feliz. Muito, muito feliz. Inclusive, do ponto de vista material, porque eu não pagava nada na casa do meu irmão. Além de que meu pai me mandava uma mesada.

Então, eu fiquei de 68 até o final de 69 sem trabalhar. Foi só depois de 69 que eu comecei a dar aula num colégio, e depois num cursinho. E aí, simultaneamente, comecei também a fazer uns fascículos na famigerada Editora Abril, fascículos para vestibular, para ganhar um troco e tal. Em São Paulo você tem que estudar e trabalhar. Você não pode só estudar, cai mal você só estudar. Mas o trabalho foi muito ameno, porque eu tive muitos amigos no Colégio em que dei aula, lá no Colégio Equipe. Destaque Ricardo de Albuquerque Maranhão, professor da Unicamp, e o Roberto Monzani, que foi um grande professor também da Unicamp e da USP, e que foi um grande estudioso do Freud. Escreveu sobre Freud vários livros.

Entrevistador: Durante sua formação na USP, quais paradigmas e autores mais te marcaram intelectualmente?

Tinha o Gilberto Freyre. Foi aí que pintou o Theodor Adorno, por causa do Gabriel Cohn.

Eu me lembro que o Gabriel Cohn ficou impressionado com um texto que eu fiz comparando Durkheim com o Freud. O sentido da socialização do Durkheim, da socialização do Freud... o instinto de morte, o instinto sexual.

Eu me lembro que o Gabriel Cohn me deu 10 nesse trabalho.

Teve também o Rui Coelho, mas eu não me lembro de ter me empenhado muito no curso dele, porque era sobre Proust, e eu não me interessei. Era às quatro horas da tarde, eu não me interessei. O que me interessou foi a Escola de Frankfurt. Acabei nessa época, não sei se por influência do Gabriel Cohn ou por moto próprio de leitura, porque eu fui sempre um menino estudioso. Lido, um leitor, eu acabei fazendo um ensaio publicado na revista *Humanitas* sobre política. Um artigo sobre a concepção que o Marcuse tinha do totalitarismo. Não aquele totalitarismo carne de vaca, normal, não. O totalitarismo do Marcuse era associado à dessublimação repressiva. Você podia estar num Estado totalitário com eleição, com imprensa livre, mas isso não deixaria de ser totalitário.

Eu gostei do Marcuse porque o Marcuse tinha um lado juvenil, embora fosse octogenário. E o Marcuse era um cara que tinha raiva. Ele era um intelectual com raiva,

indignado. E isso será, depois, um tema do meu livro – o Darcy Ribeiro indignado, a iracúndia.

O Marcuse era um cara que tinha raiva e sempre colocava no horizonte a necessidade da revolução socialista. Mais do que os outros frankfurtianos que eu li. Eu li também o Horkheimer e tal, aqueles textos sobre o Estado autoritário, enfim. Li também o Karl Kraus e o Walter Benjamin. Enfim, tive uma educação alemã lida em espanhol.

Eu me lembro que, depois, quando fui entrevistar Gilberto Freyre, ele me perguntou:

- “Quais foram os livros que você leu, qual foi a tua formação?”

Aí eu falei:

- “Foi a Escola de Frankfurt.”

Ele se admirou. Falou:

- “É, cuidado. Porque no Brasil, quem aprende alemão dá com os burros n’água. Não é um bom sinal intelectual brasileiro aprender alemão.”

Eu falei:

- “Não, não aprendi alemão, não. Eu lia em espanhol.”

Mas ele observou, ironicamente, que a minha formação era essencialmente europeia.

Entrevistador: Durante sua formação na USP, você já sentia um certo estranhamento em relação ao ambiente acadêmico ou havia identificação?

Não tive estranhamento algum, ao contrário. A minha graduação foi um paraíso. Nenhum problema, absolutamente. O curso tinha poucos alunos, o que eliminava qualquer clima de competição. Todo mundo tinha bolsa de estudo. No meu caso, meu irmão me emprestava até o carro, um Opala, e eu ia para o campus dirigindo. Depois, saía para tomar cerveja, namorar... uma vida universitária sem sobressaltos.

Começou na Maria Antônia. E havia lá também uma livraria ali ao lado, chamada Pioneira, especializada em livros de ciências sociais importados. Era uma livraria sofisticadíssima, e eu passava lá o tempo todo. Da Maria Antônia até a Martins Francisco eu ia a pé, sempre com uma parada no meio do caminho pra tomar cerveja. O álcool sempre me acompanhou de forma leve. Nunca tive problema com isso. Meu pai era chegado, meu irmão também, então na minha casa não havia repressão com relação à bebida. Era uma família de "bebidos ilustres", por assim dizer. E os meus amigos, como o D'Albuquerque Maranhão e o Roberto Monzani, eram caras que socializavam tomando cerveja, conversando. A amizade se fazia ali, como alguém disse: “É impossível fazer amizade atrás de um copo de leite.”

Foi o Maranhão quem me levou para dar aula de literatura brasileira no Colégio Equipe, mesmo eu sendo estudante de ciências sociais. Isso diz muito sobre minha formação, que foi muito diversificada. Eu nunca gostei da ideia de especialização, de estudar um tema delimitado como “de [19]45 a 46”. Sempre tive horror à figura do especialista, da coruja que gaba o topo em que vive, do sujeito que só conhece um tema, o que o Ortega y Gasset chamava de “bárbaro vertical”. Eu queria ler tudo, falar sobre tudo. E assim, dei aula de literatura num colégio de elite, que estudava toda a burguesia de São Paulo, fiz amizade com os alunos, e isso tudo me marcou positivamente.

Foi a partir dessas experiências que, depois de dois ou três anos, fui me formando e entrei numa nova etapa, quando comecei a dar aula na Fundação Getúlio Vargas. Mas antes disso, ainda na pós-graduação, escrevi *De Olho na Fresta*, em 1977.

Entrevistador: Antes de entrarmos em *De Olho na Fresta*, como era sua relação com o núcleo duro da sociologia paulista? Florestan Fernandes, por exemplo, chegou a prefaciar “*A Ideologia Curupira*”. Houve uma interlocução direta com ele ou sua aproximação foi mais com Gabriel Cohn e seus orientandos?

Eu não tinha contato com o Florestan porque, nessa época, ele já estava aposentado. Nunca tive aula com ele, nunca o conheci pessoalmente durante a graduação, nem mesmo no início da pós-graduação. Ouvia falar dele, claro, e sabia que era um intelectual que colocava a questão do socialismo. Ele era um professor que também não estava satisfeito com o *status quo*. Por essa razão, por ele colocar em perspectiva a revolução socialista e também pela amizade que ele tinha com o Gabriel Cohn, foi que resolvi procurá-lo para pedir um prefácio para minha tese, *Ideologia Curupira*.

Já contei essa história algumas vezes. Foi na Brigadeiro Luís Antônio, onde ele tinha um escritório – o que me surpreendeu um pouco, porque me parecia estranho um sociólogo ter escritório, como se fosse médico. Esperei como quem espera numa sala de dentista, e entrei um pouco nervoso, tímido, com aquela solenidade que o encontro representava pra mim. O Florestan, para mim, era uma figura quase dantesca. Gaguejando, pedi o prefácio. Ele foi reticente: “chovem prefácios...”, como quem diz “pô mais um cara que vem me pedir prefácio, não aguento mais fazer prefácio...”. Não demonstrou entusiasmo, mas foi cordial. Marcou um dia para eu voltar, e, de fato, quando retornei, ele me entregou o prefácio escrito numa carta.

Eu imaginava que ele me colocaria nas nuvens, mas não. O texto era meio seco, dizia inclusive que escrever aquele prefácio tinha sido uma tarefa penosa. Fiquei um pouco desapontado. Se eu tivesse pedido ao Gilberto Freyre, por exemplo, ele teria feito um texto barroco, cheio de elogios, ele dominava a arte do elogio. Já o Florestan, não. Ele propunha a negatividade. A sociologia da USP foi educada mais para meter o pau do que pra elogiar. Não fiquei com raiva dele, ao contrário, mas também não virou o santo da minha devoção.

Mais tarde, li toda a obra dele. Quando fui para Paris, com bolsa da FAPESP, escrevi uma reflexão sobre a obra completa do Florestan, intitulado *As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá*. O objetivo era buscar a especificidade da luta de classes no Brasil. Como ela funciona num país onde a noção de classe é difusa, difícil de localizar dentro da estratificação social. Usei o verso do Gonçalves Dias para tratar justamente dessa particularidade: o classamento social no Brasil não se comporta como nos modelos clássicos europeus.

Encontrei o Florestan mais tarde, uma vez na Paraíba, debaixo de uma árvore da gameleira. Ele tomado uma água de coco, eu fui até ele: “Professor, tudo bem?” Ele foi gentil: “Aí, Gilberto, tudo bem? Soube que você tá levando chicotada em Apipucos.” Gilberto Freyre gostava de dar chicotada nos escravos, essa coisa que o Gilberto Freyre teve uma sociologia complacente com o escravo, a frase dele “o escravo levava vida de anjo”. Então Florestan começou a me gozar, como se dissesse: “Agora você entrou pro pensamento de direita, foi buscar Gilberto Freyre?”

O motivo era um artigo meu, publicado no *Jornal da Tarde* (do *Estadão*), sem pistolão nenhum, intitulado *USP e Apipucos: A diáspora da sociologia brasileira*. Chamei atenção para o som das palavras – a paronomásia entre USP e Apipucos – e usei isso como metáfora para a minha própria trajetória. A “diáspora” era eu: saindo de São Paulo em busca do Brasil. Mas não houve desavença nenhuma. Não fui expulso da USP, como alguns detratores insinuam. Ao contrário: saí por moto próprio, movido por uma vontade gnosiológica, um desejo de conhecer o país real.

Essa decisão também foi influenciada por um encontro marcante com Glauber Rocha. Eu escrevia editoriais na *Folha de S. Paulo* a convite de Cláudio Abramo, que me

apresentou a Glauber. Saímos, bebemos, caímos na farra até as seis da manhã. Aí Glauber entrou num bar e perguntou ao nordestino no balcão: "Cadê o São Jorge?" Achei que ia dar briga. O balconista mostrou um São Jorge de plástico, e Glauber berrou: "Esse eu não quero, eu quero o outro São Jorge!" Eu fiquei atônito, falei "puta que pariu, agora vai sair porrada". Aí o nordestino virou-se, chegou na prateleira, espalhou as garrafas e escondido tinha um copo, três dedos de cachaça e falou "Aqui, o São Jorge tá aqui." Fiquei atônito. Que percussão tem esse cara. Como é que pode o cara conhecer o Brasil desse jeito, a alma do povo. Nunca tinha visto algo semelhante. Aí ele virou-se pra mim e falou: "Você é o único intelectual paulista brasileiro depois do Paulo Emílio Salles Gomes, mas você precisa conhecer o Brasil". Foi aí que eu fiz minha diáspora. Falei: "Eu vou sair de São Paulo, não quero ficar restrito aos perímetros bandeirantes". Saí de São Paulo movido por um desejo de querer conhecer o Brasil, a partir da conversa que tive com Glauber Rocha, que foi determinante.

Entrevistador: Queria retomar um pouco, só para compreendermos melhor o caminho que levou até Glauber. Como foi o contexto de escrita e a recepção do *De Olho na Fresta*? Naquele momento, você vivia uma fase de forte consagração em São Paulo – o livro teve grande impacto e continua sendo lido e debatido até hoje. Então, gostaria que você falasse um pouco sobre esse período: quem era o Gilberto antes de Glauber, o Gilberto do *De Olho na Fresta*?

Então, foi o seguinte: eu cursei com a Telê Ancona Lopes uma aula sobre o Mário de Andrade e a cultura brasileira. E no trabalho final, você tinha que escolher o tema. A USP tinha isso de interessante. O professor não obrigava o tema.

Aí eu escolhi, fiz uma análise sociológica e linguística, já influenciado pela poesia concreta de Augusto de Campos que era um musicólogo. Eu fiz uma junção entre Augusto e Antônio Cândido, que a Telê gostava, na linha do Mário de Andrade, e eu, por outro lado, concretista, baseado na linguística. Então eu fiz uma junção entre uma tradição sociológica e essa pesquisa linguística, que Augusto e Décio faziam, numa semiologia.

Então eu fiz uma análise da "Geleia Geral", a música do Torquato. Telê ficou impressionada com o meu trabalho e me mandou para o Antônio Cândido. Foi aí que eu fui conhecer Antônio Cândido. Fiz um curso com o Antônio Cândido, mas eu não me destaquei. Telê tinha muito prestígio com o Antônio Cândido, ele viu aquilo e pensou: "Pô, se a Telê tá me apresentando esse aluno, alguma coisa ele tem". E ele deve ter passado os olhos no meu artigo e viu que eu tinha uma influência da sociologia dele. Ele não gostava da expressão "sociologia da cultura", que ela teve um destino péssimo na USP depois.

Fato é que eu fui falar com Antônio Cândido, e, por coincidência ou não, Samuel Weiner da *Última Hora* de São Paulo tinha pedido pro Antônio Cândido para ele indicar alguns alunos da USP, que ele achava que podiam escrever na *Última Hora*. Aí o Antônio Cândido escolheu a mim e ao José Miguel Wisnik. Nós fomos os dois contemplados.

Então foi isso. Foi esse o início de *De Olho na Fresta*. E aí eu peguei esse ensaio e comecei a fazer outros. Aí eu fiz um ensaio sobre o Noel Rosa, que está lá no livro. Um "Yes, nós temos banana". E um artigo sobre o kitsch musical que tava pintando, que era o *Sambão Joia*, que eu que dei esse título, *Sambão Joia*, sambão horroroso.

Então juntei tudo isso, e aí, não sei quem pediu ao Carlos Guilherme Mota, e o Carlos Guilherme Mota mandou o livro para o Max da Costa Santos, que era um brizolista no Rio, para editar, com a condição que o Silviano Santiago fizesse o prefácio. Assim, sugerindo, não de maneira, vamos assim dizer, repressiva, mas sugerindo: "Olha, para você publicar, seria legal você convidar o Silviano Santiago para fazer o prefácio".

E aí ele fez o prefácio, mas ele achava que o título era outro. Então ele botou no prefácio, prefácio anódico, nem sei se leu o livro, o prefácio não tinha nada a ver. Publicar é muito difícil, né?

Mas aí houve o empurrão do Carlos Guilherme, que acabou fazendo uma resenha na *Veja*, quase o meu livro foi capa da revista *Veja*. Então a minha estreia triunfou. Uma estreia triunfante e badalada. Gabriel [Cohn] falou: "Você tem que ir direto pro doutorado, tua tese tá muito boa, inclusive você já fez o *De Olho na Fresta*".

Eu costumo dizer: se eu continuasse nessa toada, eu ia ser senador pelo PSDB ou deputado pelo PT. Porque todo mundo gostou do livro.

Entrevistador: Qual foi o impacto de De Olho na Fresta na sua trajetória intelectual e nas oportunidades profissionais que se abriram a partir dele?

Eu não diria abertura profissional, mas eu fiz a minha tese de doutorado em 1978.

E aí, na *Folha de São Paulo*, não sei se foi por conta disso ou não. Eu lecionava na [Fundação] Getúlio Vargas, e morreu o Plínio Salgado, o Cláudio Abramo pediu na Getúlio Vargas, onde eu tava dando aula – ele era amigo de Eduardo Suplicy –, pediu para que alguém escrevesse, fizesse a efeméride do Plínio Salgado. Eu escrevi "*A Última flor do Fascio?*", foi a minha entrada no periodismo paulista com um artigo Oswaldiano, pelo menos no título: *Fascio e Lascio*. Havia a influência das paronomásias manejadas por Haroldo de Campos que não conheci pessoalmente, porque eu também sou gorducho e guloso de rango e signalagem

Eu me lembro de quando eu fui conversar com o Cláudio Abramo. Simpatia imediata. Cláudio Abramo era um homem bonito, elegante, singular. Altão. Ele gostou também de mim no ato. E Otávio Frias Filho assistiu ao encontro, da porta. Foi a sua fresta. O melhor de Otávio. Cláudio Abramo: "Não se pode admitir um jornal que não tenha editorial. Isso não existe. Isso é o fim da picada. Eu tenho que fazer editorial, você vai me ajudar." O meu bolso começou a esticar.

No meu doutorado, tive bolsa pela FAPESP. O leitor na FAPESP foi o Celso Lafer, que elogiou muito a minha tese. Quando o Bresser Pereira deu uma festa comemorando, não o *De olho na fresta*, mas o aniversário dele. Coincidiu com a defesa da minha tese. Então deu uma festa monumental com bebidas estrangeiras no Morumbi. Aqueles meus amigos da marginália à noite, bando de bebum e maconheiro, foi para a festa, nego até vomitava, botava o dedo na garganta para vomitar, para beber de novo. E aí o Celso Lafer me falou que ele tinha sido o parecerista, e me elogiou e tal, muito gentil.

Nenhum conflito com a alta burguesia de São Paulo intelectual. Nenhum. Palhaço da burguesia? Nem pensar. O meu carreirismo juvenil estava pavimentado: USP, Getúlio Vargas, Folha de São Paulo. Só faltava contrair matrimônio com moça da Fiesp.

Entrevistador: Aí veio o Glauber Rocha?

Aí veio o Glauber Rocha. Veio o Glauber Rocha nesse dia do São Jorge e a pinga no copo. Parece mentira, mas não é. Eu me senti desconectado do país. Eu estou aqui numa posição afluente, cômoda, na farra, estudando, fazendo o que eu quero. Vou ter a carreira que quiser, posso fazer tudo aqui. 27 anos é uma boa idade. Aí pintou Glauber junto com o Cláudio Abramo.

Essa minha apostasia de São Paulo – o próprio Otávio Frias Filho escreveu editorial sobre o que aconteceu comigo ao romper com São Paulo, rompi com toda a minha tradição. Ele não entendia. É preciso dizer que não foi provocada por nenhum acontecimento. Ao

contrário do que depois se ventilou, pelos carreiristas de menor talento, que diziam que eu tinha rompido com São Paulo porque fiz um concurso na USP e fui reprovado.

Mentira. Eu nunca fiz concurso na USP. Tanto é que não tem meu nome, você pode pesquisar lá, não tem meu nome como concursaço. Nunca tentei ser professor da USP. A minha crítica a São Paulo foi de ordem simbólica. Foi uma espécie de luxo à Escola de Frankfurt. Eu me senti o Adorno no Tietê. Assim, num hotel de cinco estrelas, fazendo uma crítica de cima, entendeu? Para usar a expressão de Décio Pignatari.

Eu passei por todos os estágios da cultura paulista, paulistana, e cheguei à conclusão de que esse troço era parte do problema, não o problema. Visão fragmentada, imediatista, fenomênica e colonizada do Brasil.

E com um detalhe: como meu irmão ficou em São Paulo, eu sempre ia lá. Depois fui morar no Rio, mas enfim, ia sempre para São Paulo, sempre bem recebido pelos meus amigos. Eu chegava no bar com uma mala e saía hospedado em alguma casa de amigo. Igual ao samba de Zé Kéti: sou popular, tenho muitos amigos. Era uma boemia sem Coquetel Molotov burguesa, diferente da Rússia do Maiakovski. Hoje não há mais boêmio pequeno burguês com carro 4x4.

Entrevistador - Em De Olho na Fresta, você já mobiliza conceitos como o fetichismo da mercadoria, mas parece haver ali uma inflexão cultural importante: sua aposta se desloca da música popular e da Tropicália para o Cinema Novo de Glauber Rocha. Isso muda tudo no seu pensamento, certo?

Muda porque no *De Olho na Fresta* não tinha Glauber. Tanto é que ele quando me conheceu fez uma crítica ao *De Olho na Fresta*: "Você esqueceu o fundamental. Você comeu gato por lebre." Porque, segundo ele, a coisa mais importante dos anos 60 era o Cinema Novo, e eu não coloquei o Cinema Novo. Ele me fez uma crítica violenta. E isso coincidiu com a cachaça de São Jorge. Depois eu vi que o Glauber estava com razão. A Tropicália virou uma assonânciam conformista na Rede Globo, na mídia, na indústria cultural e no poder. A negatividade adorniana estava no Cinema Novo.

Daí eu passei com insistência a fazer essa crítica à Tropicália, mas que isso nunca implicou em uma briga pessoal com o grupo da Tropicália. Eu nunca tive arranca-rabo com o Caetano Veloso, ao contrário. Houve encontros fugazes no Rio de Janeiro um ou duas, três vezes em São Paulo, com meus amigos que eram amigos dele e de Gil. Nunca briguei com ele por motivos pessoais. A minha divergência assim era a mesma divergência com São Paulo – São Paulo como representante do imperialismo – foi de ordem intelectual e política. Nada pessoal. Absolutamente nada.

No Brasil há uma maneira de desqualificar a divergência política e ideológica por meio da fofoca pessoal. "Ah, a Tropicália te tratou mal, por isso você ficou anti-tropicalista." "Ah, você criticou a USP porque tentou entrar na USP e não conseguiu." É sempre a trama pessoal, e nunca a questão ideológica, política, que é uma coisa de país de escravo. A escravidão é o nosso divã psicanalítico. Você não pode romper com o feitor, você não pode romper com esse sistema que é sempre personificado. Persona e personagem, som, voz, as vozes do escritório.

Entrevistador: Em algum momento, você acreditou ser possível conciliar o reconhecimento que já havia conquistado com os novos caminhos teóricos e políticos que passou a trilhar? Ou já sabia que essa mudança implicaria um rompimento com as possibilidades de consagração no meio acadêmico nacional – tanto por uma

escolha sua de se afastar, quanto pela resistência do próprio campo, que talvez já não visse mais lugar para você ali, dado o novo discurso que passou a adotar?

Na verdade, eu não conseguia mais respirar em São Paulo, porque depois de uma certa altura eu só conseguia viver bêbado. Eu não conseguia suportar São Paulo a não ser bêbado. Dormir, eu não conseguia. Era uma cidade que sempre foi hostil para mim do ponto de vista climático. O ar não era legal, não tinha horizonte, entendeu? Aí eu fui morar no Rio, e do Rio eu fui para a Paraíba e depois fui para a Amazônia. Foi a diáspora e nunca mais me interessei voltar para São Paulo. Se eu tivesse ficado em São Paulo, eu ia morrer de cirrose. Eu entendi a mocidade romântica de Alvares de Azevedo. A coisa mais silenciosa era o cemitério perto do bar Riviera.

Primeiro foi uma ruptura conceitual, política, estilística. Depois virou também uma incompatibilidade climática, atmosférica. Eu não queria viver mais em São Paulo. Inclusive porque foi no Rio que encontrei uma namorada que virou minha mulher, Ângela. Tive filhas no Rio.

Também não fiquei deslumbrado com o Rio de Janeiro. Pode-se dizer que eu aprendi, passei pelo Rio, mas não queria ficar lá. Achei a vida intelectual no Rio de Janeiro muito careta, a vida acadêmica muito careta. É uma cidade de um contraste muito grande. Como é que teve Noel Rosa, o povo, uma cultura popular efervescente, junto com uma universidade careta, repressiva? Professores levianos. Essa foi a visão que eu tive do Rio de Janeiro. Também nunca prestei concurso para dar aula aí, não queria ficar no Rio de Janeiro. Passar pelo Rio é necessário, mas não ficar nele.

Entrevistador: E como você enxerga o impacto de ter deixado São Paulo: não apenas no sentido geográfico, mas também no afastamento de um certo modo de pensar característico dali? Quais foram as consequências disso na sua trajetória profissional e na dinâmica de consagração? Porque São Paulo tem essa dupla força: a de consagrar, mas também a de desconsagrar.

Você tem razão. Eu paguei o pão que o diabo amassou por causa disso. Nunca mais tive bolsa de estudo. Passei a ser aquele cara que não merece mais dinheiro para estudar porque ia cuspir no prato que comeu. Foi um amigo meu, professor da USP, que falou para mim: “você está cuspindo no prato que comeu.” Eu tenho ainda grandes amigos em São Paulo.

A repressão foi salarial. Corte na FAPESP e CNPq. O sistema paulistocêntrico domina o Brasil inteiro. Fiquei pobre. Um professor da Universidade de Juiz de Fora que me conheceu lá em Petrópolis me viu de sandália havaiana, com uma sacola de plástico, eu parecia um Lima Barreto. Saí das cumeadas do luxo paulistano para a penúria do Lima Barreto.

Em Petrópolis eu estava perto de Juiz de Fora, houve um concurso, então eu vim aqui disfarçado. Meu pai falou: “Não fale nada, não mostre o que você escreveu. Faça o concurso quieto. Só apresente o seu diploma e ponto final. Não apresente o currículo.” Olha que loucura do meu pai, Dr. Zoláquio. Olha a percociência! Dito e feito: eu vim, fiz o concurso, passei, e não tive janela alguma, nenhum medalhão me deu força. A Universidade de Juiz de Fora me salvou porque eu tive um emprego, mesmo que tivesse tido arranca-rabos durante algum tempo por aqui. Fiz uma carreira e consegui me aposentar, e foi aqui que escrevi quase todos os meus livros. Aqui tive paz de espírito comendo frango com quiabo.

Entrevistador - Mesmo depois que você virou professor da UFJF essas tentativas de desconsagração continuaram?

Continuaram, claro. Tive muita dificuldade para ser editado. Não editei mais em São Paulo. *O Príncipe da Moeda* foi publicado no Rio. *O Brizulla* foi por uma editora clandestina do meu amigo Vandeco, lá em Brasília. *Collor, a Cocaína dos Pobres*, também. Meu último livro, *Sol Oswald*, foi editado em Santa Catarina. Eu não fui um autor que os editores buscassem os manuscritos ou os originais. Eu nunca quis ser escritor, na minha infância eu queria ser chofer de taxi, depois cantor de boate.

É aquilo que ocorre quando se rompe com o polo dominante: eles te cortam. Não quero fetichizar o paulista, não personifico São Paulo. A Paulicéia é uma expressão de categorias econômicas do imperialismo. A coisa é histórica. O bandeirante passou a ser a representação dos interesses do imperialismo, sobretudo depois de 1964. Todos os meus livros têm essa tônica: São Paulo como ponta de lança do imperialismo norte-americano e a repercussão disso na cultura. Não me venham com psicanálise de vendedor, pois eu sou paulista e meus pais estão enterrados em Santa Adélia, no interior de São Paulo.

Entrevistador: Sair de São Paulo foi, de certa forma, também uma recusa em participar desse processo?

Claro, foi uma recusa, foi um retorno ao cálice da macumba. Esse cálice da macumba se eu fosse fazer a síntese das múltiplas determinações, daria um close nesse gesto. Foi num bar, Bar do Dagô, São Paulo, no Palmeiras, um bar que não fechava, um esplendor. Tinha um filé fantástico e um chope extraordinário. Foi nesse bar que levei Glauber pra comer.

Numa madrugada por volta das 5h da manhã que aconteceu aquele episódio. Se eu tivesse inventado isso, seria um gênio. Se eu tivesse focalizando o Glauber a partir do copo de cachaça como metonímia de um São Jorge não oficial, com um desenho semiológico diferente do kit de plástico, claro que eu seria genial. Mas como eu não sou gênio, estou apenas reproduzindo um fato que ocorreu. E foi marcante em minha vida.

Entrevistador: Como você definiria o projeto teórico e político da escola sociológica paulista? Em que medida ele seria, como você já afirmou em algumas de suas obras, um projeto “antinacional”?

A relação de São Paulo com as outras regiões do país é problemática. Há arraigado no paulista que ele carrega a nação nas costas, e que a acumulação de capital foi feita em São Paulo, e que o resto do país suga a locomotiva. Mas é o contrário. A relação de São Paulo com as outras regiões é de vampiragem. Quem mostrou isso foi o Gunder Frank, em seu livro sobre o desenvolvimento do subdesenvolvimento. Ele fala que o capital que gerou a economia cafeeira não veio de São Paulo, veio de outros lugares. A industrialização não foi um fenômeno exclusivamente paulista. Foi a primeira vez que vi isso formulado assim. Há também Nelson Werneck Sodré e outros autores que abordam essa ilusão paulista do progresso industrial que vem desde o modernismo culminando na Avenida São João da Tropicália. Há esquizofrenia entre São Paulo e o resto do Brasil. É mais ou menos aquilo que Marx falou da Irlanda em relação à Inglaterra. James Joyce era irlandês, além de Oscar Wilde e Bernard Shaw.

A burguesia paulista é desnacionalizada. Gunder Frank sacou isso. Glauber que falou que o cinema paulista era cosmopolita e desnacionalizado. Isso foi em 1973, *A Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*. Eu percebi isso, não só andando e vivendo, mas estudando. A

representação que o paulista tem de si mesmo é exógena, o paulista quer falar inglês. Se você falar inglês em São Paulo, as portas se abrem. Se você for negro e falar inglês, é diferente de ser negro e falar português. Então, o paulista quer ser americano. E o americano chega lá e deita e rola na USP e na FIESP.

Esse colonialismo sempre me incomodou. Eu venho do interior de São Paulo, caipirão. Meu pai era baiano. Minha mãe falava que nem Monteiro Lobato. Eu nunca fui colonizado pela São Paulo grã-fina e multinacional. Comecei a crítica com Gilberto Freyre em *O Xará de Apipucos*, a diáspora da sociologia. Fiz essa mesma crítica em *Gunder Frank: o enguiço das Ciências Sociais* e em *Darcy Ribeiro: a Razão Iracunda*. Darcy Ribeiro estudou em São Paulo. Oswald de Andrade não foi paulistocêntrico, o escritor mais representativo de São Paulo junto com Monteiro Lobato. Acabei de editar um livro sobre o Oswald. Eu não tenho uma birra abstrata com São Paulo; ao contrário, tenho admiração pelos poetas concretos e pela tradução que eles fizeram. Mas, por determinações objetivas e históricas, São Paulo assumiu a posição de ponta de lança do imperialismo americano.

Entrevistador: *Fazendo um trocadilho com seu livro sobre Darcy Ribeiro, a sociologia da USP encarnaria uma espécie de “anti-razão iracunda”, que administra a dependência ao invés de enfrentá-la?*

Justamente. O intelectual paulista é um feitor da dominação escravocrata, colonial e imperialista. Ele representa isso não por idiossincrasia pessoal, não por ser "ruim", mas pela inserção dele na constelação regional. Inclusive, ele age contra a América Latina, fazendo o papel subimperialista. Autor latino americano não é indicado. Escândalo. Lê-se Giddens, assessor de Tonny Blair na Palestina.

Por isso é que o Perón sempre foi condenado em São Paulo e no Rio de Janeiro. O polo moderno e desenvolvido sempre teve essa postura de ponta de lança do imperialismo ou do subimperialismo na América Latina. Isso refletiu no desconhecimento da intelectualidade paulista quanto aos autores e à cultura latino-americana, e também em relação ao próprio Perón. E ao Getúlio Vargas, também. Por que Leonel Brizola nunca foi aceito em São Paulo?

Tudo aquilo que representava uma tentativa equânime de espalhar riqueza, por exemplo, biblioteca em Juiz de Fora igual à da USP. Você tinha que se humilhar, se deslocar até São Paulo, se dobrar àquele sistema para conseguir ter um lugar acadêmico.

É o *homo latus* enrabando os Brasis.

Entrevistador: *Você tende a interpretar FHC, Florestan Fernandes e Octávio Ianni como representantes de projetos políticos e sociais distintos, ou considera válida a leitura de André Gunder Frank, que os vê como parte de uma mesma escola comprometida com o dualismo entre um Brasil arcaico e outro moderno, apostando num desenvolvimento importado que superaria o subdesenvolvimento?*

Independente da intenção de cada um, eu acho que a situação objetiva de São Paulo no Brasil faz com que esses autores entrem em convergência. Eu me lembro que quando conheci Gilberto Freyre lá em Recife a primeira coisa que ele observou e me falou foi: "Olha, eu vejo em você um desejo muito grande de despaulistizar-se". Era arguto o Gilberto Freyre na conversa, embora o Instituto Joaquim Nabuco fosse uma espécie de KGB, pois não me deixavam ficar com ele sozinho.

Decerto foi que ele virou-se para mim e disse: "Eu vejo em você um desejo muito grande de despaulistizar-se". Ali percebi o quanto difícil era despaulistizar-se. Você tem que

fazer um trabalho psíquico incessante para não ser seduzido de novo pelo colonialismo São Paulo.

Se eu continuasse na mesma toada do *De Olho na Fresta* seria um palhaço da burguesia bandeirante tropicalista sem nela crer, assim como o foi Oswald de Andrade, isto é, estaria hoje com jatinho e os bolsos endolarados.

Os provincianos colonizados vão para São Paulo. É verdadeira a definição de Pier Paolo Pasolini: a homologação cultural.

Entrevistador: A sociologia da USP ainda tem força para pautar os grandes temas e projetos do país, ou hoje sobrevive principalmente da memória do que já foi?

Eu não leio mais cientistas sociais. Uma porque confesso que livro sem bom título, é duro de ler. Outra porque, para se dar bem do ponto de vista acadêmico você tem que submeter aos formulários protocolares que mortificam o escritor a esse papel. O protocolo mata o escritor.

Se você não fizer esse papel, ou melhor, esse papelão, você não faz carreira. Não tem. E isso aí acho que não mudou. E não mudou a situação de São Paulo. Ao contrário, agravou-se. O que é Collor? O que é a Nova República, por exemplo? Tudo é paulistocêntrico. Castelo Branco é São Paulo. Sarney é São Paulo. Lula também se fez lá. Dilma também, todo mundo passa por São Paulo. Por quê? Porque São Paulo é o intermediário. É aquela burguesia que faz a ponte entre o imperialismo e as outras regiões do Brasil.

A rapina é feita por São Paulo.

O meu amigo Zé Celso morreu, ele gostava muito de conversar comigo sobre essa constelação paulista. Dândi tudo bem, e nós não. – Zé, eu sou plebeu. Ele era de Araraquara, onde eu estudei, e era oswaldiano, estudava o escritor modernista como se este estivesse fazendo cinema. O problema do Zé foi não ter dado a devida atenção ao cinema do Glauber. Ele percebia essa esquizofrenia de São Paulo com o resto do Brasil. É o garçom de costela do imperialismo americano.

Entrevistador: Há quem interprete sua produção no campo da “sociologia da cultura”. Contudo, ela difere bastante da que se consolidou na USP, especialmente aquela associada a nomes como Sergio Miceli, fortemente influenciada por Bourdieu. Como você definiria sua maneira de pensar a cultura enquanto objeto sociológico e como ela se relaciona com essa “outra” sociologia da cultura desenvolvida em São Paulo?

Eu concordo com Fredric Jameson. Ele diz que lá em Paris o Bourdieu já tem uma ênfase reducionista e exagerada na classe pra neutralizar o valor de uso da cultura, da poesia, da música, do cinema. Os bens simbólicos são sempre de classe. Bourdieu é expressão do carreirismo e do fetichismo dos bens simbólicos. A sociologia da cultura tem ódio da cultura.

Isso na periferia piorou. Os “bourdianos” aqui são piores do que o Bourdieu. Por quê? O Bourdieu é o colonizador. Colonizados enfatizam o tempo todo classe, mas têm horror à luta de classes. E também são intelectuais “michê”. São intelectuais da gorjeta, “michê do Bordiê”, dizia Oswald de Andrade.

Eu não tenho a menor admiração por essa linha de pensamento. Inclusive acho que fez muito mal ao Brasil esses *parvenus* da cultura que inventaram esse negócio de “sociologia da cultura”. Porque na verdade não é sociologia nem cultura.

Entrevistador: O que está dizendo é que não tem marxismo nessa sociologia da cultura?

A sociologia da cultura abomina Marx, porque abomina o pensamento autônomo. Imagine dizer ao Marx que ele estava escrevendo *A Ideologia Alemã* motivado por uma situação de classe, determinado por bens culturais.

Aparentemente trata-se de uma sociologia que estabelece a relação entre classe e bens simbólicos. Eu acho horrorosa essa expressão "bens simbólicos". É uma expressão que abdica do barato intelectual. Isso se revela até no estilo. Não tem nenhum "bourdié" que saiba escrever. Cite um. O Bourdieu não tem estilo. Ele é a morte do estilo. Já lá, é insuportável. Eu nunca consegui ler um livro dele inteiro.

A única coisa boa do Bourdieu foi que via Godard. O cineasta contou que o Bourdieu fez uma coisa legal: indicou que ele, Godard, desse aula no *Collège de France*. Godard ficou surpreso: Bourdieu me indicou, embora o Bourdieu tivesse dito que não entendia nada dos filmes do Godard. Ele não entendia a linguagem paratática, não entendia a linguagem da poesia. O Bourdieu só entendia esse ramerrame reducionista da sociologia.

É odiosa a sociologia da cultura. Pela derrubada acadêmica: quem entra e quem não entra na roleta das bolsas. Vai baixar em outro terreno, Exu!

Entrevistador: Há uma relação entre a sua crítica e de Gunder Frank à sociologia paulista? Enquanto ele apontava que aqueles autores estudavam a dependência como uma forma de administrar a própria dependência, você está dizendo que a sociologia da cultura, ao reproduzir Bourdieu, acaba estudando a reprodução social para aprender a administrá-la, em vez de contestá-la?

A sociologia da cultura é uma sociologia para galgar postos. Por isso que todo sociólogo da cultura adora um posto, adora o poder titica. Não tem nenhum sociólogo da cultura que seja um desterrado, um desbundado, um louco, um alcoólatra, um maconheiro, um doidaço. Cortei isso muito cedo. Cortei a madrinha da noite.

Eles dizem que Adorno não tem empiria, não tem fórmula, não apresenta estatística. Positivismo de baixo nível. A verdade é que a sociologia da cultura é uma sociologia positivista de baixo nível.

Referências

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto (Org.); SILVA MELO, Antonio da. *Histórias de um menino e as transformações do mundo*: Antônio da Silva Mello. [S.l.]: Estante Virtual, 2011. Consultado em: 07 nov.. 2025.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Biomassa*: a eterna energia do futuro. São Paulo: SENAC, 2002.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Brizolla*: Lula e Brizola, esperança do povo. Brasília: Pajelança, 1989.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Collor, a cocaína dos pobres*: a nova cara da direita. São Paulo: Ícone, 1989.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Darcy Ribeiro*: a razão iracunda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Gunder Frank*: o enguiço das ciências sociais. Florianópolis: Insular, 2014.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira*: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Música popular*: de olho na fresta. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O cabaré das crianças*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O príncipe da moeda*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1997.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O xará de Apipucos*. São Paulo: Casa Amarela, 2000.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto; BAUTISTA-VIDAL, J. W. *Poder dos trópicos*: meditação sobre a alienação energética na cultura brasileira. São Paulo: Casa Amarela, 1998.